

A Magia do Mundo Lendário na Literatura Infantil



Ancora
editora

O Imaterial na Materialidade da Literatura para Crianças

Da Ilusão das Aparências ao mais Profundo dos Seres: Mensagens subjacentes à escrita de Sophia para a Infância

Sophia de Mello Andresen mostrou, de forma inigualável, como a escrita, que tem como destinatário privilegiado as crianças, precisa de qualidade, exigente, sem clichés ou estereótipos, sem cedência a moralismos e a facilismos, que subestimam e empobrecem quem a lê. Alguns dos seus contos podem ter subjacente uma intenção moralizante¹, mas o seu valor literário é incontestável.

A sua literatura para crianças nasceu como reacção contra o infantilismo e conservadorismo do edifício ideológico do *Estado Novo*, daí que o humor e a crítica social ganhem um espaço crescente.

Embora, a sua obra para os mais novos não se limite à narrativa (contém igualmente várias colectâneas de poesia) deter-nos-emos nos seus contos, que são quase mini-novelas, escritos numa linguagem original, muito sensorial e poética, o que confere à sua escrita um lugar de destaque no cânone da literatura portuguesa para a infância.

“A par de Ilse Losa e Matilde Rosa Araújo, Sophia de Mello Breyner Andresen é uma das escritoras que sempre conseguiu fugir aos moldes morais e patrióticos que o Estado Novo impôs”. (Blockeel, 2001: 51)

Investida de originalidade, é precisamente contra o lugar-comum e a banalidade temática e formal da maior parte da escrita para crianças correspondente ao período do *Estado Novo* que a produção literária de Sophia se assume, o que é visível nas suas palavras:

Comecei a inventar histórias para crianças quando os meus filhos tiveram sarampo (...) Mandei comprar alguns livros que tentei ler em voz

¹ *A fada Oriana, A Menina do Mar, A Noite de Natal.*

alta. Mas não suportei a pieguice da linguagem, nem a sentimentalidade da mensagem. Uma criança é uma criança, não é um pateta. Atirei os livros fora e resolvi inventar. Procurei a memória daquilo que tinha fascinado a minha própria infância (...) Nas minhas histórias para crianças quase tudo é escrito a partir dos lugares da minha infância. (Soares, 1986: 19).

A obra de Sophia de Mello Breyner Andresen apresenta-se como um todo marcado pela unidade e a perfeição. Estas características são aplicáveis quer à sua obra poética, quer à obra narrativa, seja ela destinada a adultos ou a crianças. Será sobre esta última que nos deteremos.

Nos contos de Sophia protagonizados por crianças, os adultos particularmente os pais, são simples figurantes que não têm papel relevante na acção, a não ser o de impor regras, segundo as quais as personagens devem viver.

Ao contrário das crianças, cuja vida é pautada pela fantasia, a magia e o sonho e que, talvez por isso mesmo, são mais abertas à generosidade e à compreensão do outro, os adultos caracterizam-se, amiúde, pela sua inflexibilidade e, até, falta de sensibilidade. Tal facto é particularmente evidente no conto *A Noite de Natal*:

-E achas que o meu amigo vai ter muitos presentes?

-Qual amigo?- disse a cozinheira.

-O Manuel.

-O Manuel não. Não vai ter presentes nenhuns.

-Não vai ter presentes nenhuns!?

-Não.

-Mas porquê Gertrudes?

-Porque é pobre. Os pobres não têm presentes.

-Isso não pode ser, Gertrudes.

- Mas é assim mesmo- disse a Gertrudes, fechando a tampa do forno. (Andresen 1989:18)

A personagem **cozinheira** é, aliás, em vários contos de Sophia uma figura do mundo adulto particularmente valorizada pelas crianças. Porque vive rodeada de cheiros, sabores e texturas, ela é considerada como uma espécie de guardiã de saberes e segredos ancestrais, o que lhe confere um estatuto singular, deslumbrando os mais novos.

A título de exemplo vejamos as seguintes passagens:

Porque ela era cozinheira há trinta anos. E há trinta anos que ela se levantava às sete da manhã e trabalhava até às onze horas da noite. E sabia tudo o que se passava na vizinhança e tudo o que se passava nas casas de toda a gente. E sabia todas as notícias e todas as histórias das pessoas. E conhecia todas as receitas de cozinha, sabia fazer todos os bolos e conhecia todas as espécies de carnes, de peixes, de frutas e legumes. Ela nunca se enganava ² (Andresen 1989:18-19)

Nesse lado da casa, a pessoa mais importante era a cozinheira, sempre ocupadíssima, rodeada de carnes, ovos, legumes e galinhas. No Verão, ela mexia num enorme tacho o doce de morangos, no Outono fazia marmelada que ficava durante muitos dias a secar ao sol da varanda virada para o Sul.

No Natal, assava os perus, recheados de castanhas e farófia, na Páscoa metia no forno os cabritos perfumados de ervas. Trazia sempre um molho de chaves pendurado da cintura e era ela quem reinava na despensa, reino misterioso e sombrio onde pairava um perfume de baunilha e canela.³ (Andresen 1997:10-11)

² Atente-se na repetição intencional do advérbio de quantidade “tudo” e do determinante indefinido “todos” para transmitir a ideia do domínio total que esta personagem tem sobre a realidade que a envolve..

Os adultos são vistos, frequentemente, como seres distraídos e dotados de pouca sensibilidade, a quem passam despercebidas as coisas bonitas da vida e os pormenores do mundo que os rodeia, como é visível neste excerto de *O Rapaz de Bronze*: “-pareces a Dona da Casa. Ela não sabe passear no jardim, nem olha para as estrelas da noite. Só quer festas com muitas pessoas e muito barulho. Quando está sozinha murcha.” (Andresen s./d.:17).

Contudo, no universo das pessoas crescidas, destacam-se alguns seres humanos que pautam as suas vidas por valores diferentes dos demais e que se revelam muito diversas do comum dos adultos, merecendo, por isso, uma especial atenção da autora. Estão neste grupo de seres de exceção, tais como os poetas.

Então lembrou-se que era a hora de ir visitar o seu amigo Poeta. Porque a única pessoa crescida a quem Oriana podia aparecer era ao Poeta. Porque ele era diferente das outras pessoas crescidas. (Andresen, s./d.:30)

Com efeito, os seres humanos que se dedicam às artes possuem características que os individualizam e os distinguem dos outros, na perspectiva de Sophia, nomeadamente o seu desprendimento em relação aos valores materiais e uma apurada sensibilidade. Como é visível no seguinte excerto, que retirámos da obra: *A Floresta*.

“A fortuna, a glória e o dinheiro não contam Só a verdade e a beleza é que nos dão felicidade.” (...)

O dinheiro é uma droga que se toma em grandes doses. Tenho medo que o teu oiro envenene a minha vida. (Andresen 1997: 51 e 54)

³ Salienta-se aqui o uso da metáfora, quando a narradora compara a cozinha a um reino enigmático, para enfatizar a importância que a personagem cozinheira assume na vida da criança protagonista do conto *A Floresta*.

Confirma-se, assim a opinião de José António Gomes, quando afirma:

À condenação do egocentrismo, do artificialismo, da hipocrisia, da perversão, originada ao apego aos bens materiais, opõem-se a amizade, o amor, a paz e a generosidade, bem como a exaltação do humanismo cristão, do valor social e ético da obra de arte e da fidelidade a princípios eternos e universais. (Gomes, 2004:4).

Sem se assumirem como obras explicitamente moralistas, não restam dúvidas de que inteligente construção dos contos de Sophia aponta para um dever ser, em que surgem valorizados a Natureza, a Harmonia, o Equilíbrio e a Justiça.

Vejamos, então, de que forma a construção das personagens dos contos de Sophia de Mello Breyner Andresen que seleccionámos, está ao serviço destes princípios que autora pretende transmitir.

A obra *A Floresta* funciona como uma parábola em que são evidenciados os malefícios da riqueza, apenas compreendidos por um limitado número de personagens: Isabel, criança (que prima pela ingenuidade e a pureza), Cláudio, o músico (que se caracteriza pela abnegação e desprendimento dos bens materiais), o cientista, o velho Doutor Máximo (homem da ciência e isento de qualquer materialismo), o anão (ser íntegro e desprovido de quaisquer ligações a bens materiais) e os frades (símbolo de ascetismo e espiritualidade).

A personagem anão sintetiza, no final da obra, o carácter íntegro e bom destas personagens, quando afirma:

Obrigado Isabel, obrigado meu amigo músico. Graças a ti Isabel, ao Doutor Máximo e a Cláudio estou liberto do tesoiro terrível do bandido. O Rei dos anões tinha-me dito: «Confia nas crianças, nos sábios e nos artistas. (Andresen 1997:76/77).

Atentemos nalguns exemplos textuais, em que é possível verificar estas características nas personagens atrás referidas:

(Cláudio, o Professor de Música) Dá o tesoiro ao meu professor de música. É um homem extraordinário. (...) Isabel agarrou duas mãos cheias e deixou-as cair devagar, tilintando umas sobre as outras (...) – Lindo! - disse ela. (Andresen, 1997:51-53).

– Não quero- respondeu o músico.- É de mais. É riqueza de mais Se estiveres de acordo aceito vinte moedas para comprar um violino novo.(...) O dinheiro é um veneno que se toma em grandes doses. Tenho medo que o teu oiro envenene a minha vida. (Andresen, 1997: 54).

(Doutor Máximo) Tenho um amigo muito sábio e muito velho chamado Máximo. Desde muito novo ele dedicou toda a sua vida a um sonho: descobrir a maneira de transformar as pedras em oiro. (...) Ele nunca se zanga: é um homem muito bom e nunca o vi querer mal a ninguém.

–Mas para que é que um homem bom pensa tanto no oiro?- perguntou o anão.

–Bem, não é por causa da riqueza. É por causa da ciência. Ele é um homem apaixonado pela ciência. Além disso diz que quando puder transformar as pedras em oiro há-de enriquecer todos os pobres.

(...) –Consegui demonstrar a minha descoberta. Não falhei a experiência. Estou tão feliz, tão feliz! E vou tornar felizes todas as pessoas à minha roda.

(...) Em seguida começou a distribuição do oiro. Em cima do estrado foram colocadas quatro arcas.(...)

Com as suas próprias mãos o Doutor Máximo ia distribuindo o Tesoiro. E correu tudo tão bem que o número das pedras de oiro era exactamente igual ao número dos pobres. (Andresen, 1997: 54 -55, 60, 67/68).

(Anão) Nós os anões não sabíamos o que havíamos de fazer àquele oiro tão pesado e tão incómodo. Os anos iam passando e não conseguíamos descobrir nenhum homem que fosse verdadeiramente bom. (Andresen, 1997: 50).

(Os frades) Eram tão pobres que não temiam os ladrões. Não tinham nada que valesse a pena roubar. (...) a vida que levas é uma vida de fera e não uma vida de homem. Roubar é uma coisa muito feia, mas matar é muito pior. (...) No dia seguinte os três frades morreram e os anjos desceram do céu para buscar as suas almas. (Andresen, 1997: 37, 39 e 50).

Por oposição a este pequeno grupo de personagens, apresenta-se a larga maioria das personagens adultas, caracterizada em termos de ambição, ganância e desrespeito pelo outro e/ou pela natureza. Neste grupo se integram personagens como:

(os ladrões) Mas um dia aconteceu uma grande desgraça: atraída pela vastidão e espessura dos arvoredos uma quadrilha de bandidos veio instalar-se nestes bosques (...) Aqui organizaram eles em paz os seus esconderijos secretos onde viviam e guardavam as coisas que tinham roubado; (Andresen, 1997: 33);

(os bandos de aventureiros que pretendiam descobrir o paradeiro do tesouro dos ladrões, quando eles morreram.) A floresta foi invadida por bandos de aventureiros que vinham à procura do ouro roubado. Era uma gente que parecia louca. Abriram buracos no chão por toda a parte e serravam as árvores mais belas para ver se tinham alguma coisa no tronco; (Andresen, 1997: 48);

(o presidente da Academia, o reitor da Universidade e o presidente da Câmara) -É uma bela acção! Muito original! Mas é esquisito! -na sequência do anúncio do Dr Máximo que daria todo o ouro aos pobres (Andresen, 1997: 61);

(os banqueiros e negociantes) Todos eles propunham negócios e todos eles ouviram as mesmas respostas. Retiraram-se indignados, resmungando: Este homem é um doido perigoso. (Andresen, 1997: 62-63).

As personagens que dão vida aos contos de Sophia de Mello Breyner Andresen são construídas de forma detalhada e bem planeada.

Este facto é visível nas obras que já apresentámos, mas também em outros contos, tais como em: *A Noite de Natal*, *A Fada Oriana*, *O Rapaz de Bronze* e *O Cavaleiro da Dinamarca*.

Várias personagens infantis de Sophia apresentam-se-nos como crianças sem dificuldades materiais, embora solitárias, que se encontram no limiar da descoberta de outras faces do mundo.

Tal é visível nas passagens que a seguir apresentaremos, referentes às personagens: Isabel (*A Floresta*); Florinda (*O Rapaz de Bronze*) e Joana (*A Noite de Natal*).

Era uma vez uma quinta toda cercada de muros.

Tinha arvoredos maravilhosos e antigos, lagos, fontes, jardins, pomares, bosques, campos e um grande parque seguido por um pinhal que avançava quase até ao mar. Era nessa casa que morava Isabel (...)

Passei a minha vida toda a pensar em anões, (...) mas nunca encontrei nenhum.(...) mas agora encontrei-te! Tu existes e estamos aqui, um em frente do outro, agora, aqui. (Andresen , 1997:5 e 21)

-Florinda, lembras-te de mim?

-Ah lembro-me, lembro-me de ti!- respondeu ela.

Então o rapaz de Bronze, desceu da sua ilha, saltou o lago e ficou em pé à frente da rapariga (...)

-Lembro-me de tudo agora. Mas eu pensava que era um sonho. Pensava que tudo o que eu tinha visto era extraordinário demais e não podia ser verdade.

-As coisas extraordinárias e as coisas fantásticas também são verdadeiras. Porque há um país que é a noite e um país que é o dia. (Andresen, s./d.: 37)

Era uma vez uma casa pintada de amarelo com um jardim à volta.

No jardim havia tílias, bétulas, um cedro muito antigo, uma cerejeira e dois plátanos.(...) Joana não tinha irmãos e brincava sozinha.(...) Mas um dia encontrou um amigo.(...)

E, sentada na beira da cama, ao lado dos presentes, Joana pôs-se a imaginar o frio, a escuridão e a pobreza (...) E começou a imaginar o curral gelado e sem nenhuma luz onde Manuel dormia em cima das palhas, aquecido só pelo bafo de uma vaca e de um burro. (Andresen s./d: 7-8 e 24).

A Noite de Natal, tal como o próprio título indica, remete-nos para um conto natalício que trata da amizade e do amor puro que nasce entre duas crianças. Joana é uma menina materialmente abastada que vive num mundo de abundância material, mas

afectivamente pobre: Joana tinha muita pena de não saber brincar como os outros meninos. Só sabia estar sozinha (Andresen, s./d: 8)

É então que surge Manuel, exemplo vivo do “outro lado da vida”, aquele que é completamente desconhecido para Joana:

“E passou pela rua um garoto. Estava todo vestido de remendos e os seus olhos brilhavam como duas estrelas”. (Andresen, s./d. :8)

No caso de *A Noite de Natal*, o sentimento de empatia entre as duas crianças protagonistas faz renascer dentro delas os ideais de amor e pureza, que acabam por transformar as duas personagens em arquétipos: Manuel é símbolo de uma certa orfandade social, assemelhando-se, se é possível dizê-lo a uma reencarnação do menino Jesus, Joana é a criança pura que conquistou o privilégio de privar com esse menino.

E foi assim que Joana encontrou um amigo. Era um amigo maravilhoso. As flores voltavam as suas corolas quando ele passava, a luz era mais brilhante em seu redor e os pássaros vinham comer na palma das suas mãos as migalhas de pão que Joana ia buscar à cozinha. (Andresen s./d.: 8).

A amizade nascida entre as duas crianças é fonte de luz e harmonia. Com efeito, Sophia de Mello Andresen substitui “milagrosamente” a figura da criança divina pela personagem de Manuel e, no final do conto, a evolução das personagens e da sua relação vem dar sentido aos valores da amizade, da partilha e da busca de uma união entre o humano e o sagrado.

Acompanhada pelos três reis do Oriente,

Joana viu um casebre sem porta. Mas não viu escuridão, nem sombra, nem tristeza. Pois, o casebre estava cheio de claridade, porque o brilho dos anjos o iluminava.

E Joana viu o seu amigo Manuel. Estava deitado nas palhas entre a vaca e o burro e dormia sorrindo.

Em sua roda, ajoelhados no ar estavam os anjos. (...) Era assim, à luz dos anjos, o Natal de Manuel.

-Ah! Disse Joana-aqui, é como no presépio. Então Joana ajoelhou-se e poisou no chão os seus presentes. (Andresen s./d.: 35).

Também no conto *O Rapaz de Bronze* é franqueada a Florinda a entrada num mundo paralelo ao seu, um mundo nocturno das flores e das plantas⁴, cuja existência é totalmente desconhecida às outras personagens humanas.

Sob a forma de uma quase-fábula poética, protagonizada pelas flores de um jardim e por uma estátua viva, Sophia traz-nos à memória alguns contos de Hans Christian Andersen.

Nesta história é apresentada uma visão crítica de uma organização social, hierarquizada e injusta que, mais tarde, encontraremos nos livros para adultos: *Contos Exemplares e Histórias da Terra e do Mar*.

Nesta altura apareceram na varanda um homem novo e uma mulher de cabelo preto que tinha um vestido de cetim amarelo.

-Quem são?- perguntou o Gladíolo.

-Esta é a mulher mais chique e mais bem vestida desta terra. É uma espécie de tília. Ele é um snob.

-O que é um snob?- perguntou o Gladíolo.

-É uma espécie de Gladíolo.

-Que fazem os snobs?

-Têm muitos amigos e são muito convidados e por isso toda a gente gosta muito deles e os convida muito⁵ (Andresen s./d.: 7)

⁴ Atentemos no próprio nome da personagem, Florinda remete-nos claramente para a palavra primitiva flor e, não esqueçamos que são as flores as protagonistas desta história.

⁵ Atente-se na repetição do advérbio de modo “muito” que serve para enfatizar, com ironia, a presença constante de algumas pessoas em eventos sociais, sinónimo de vacuidade e artificialismo.

Na obra narrativa de Sophia de Mello Breyner Andresen, o homem caminha ao encontro do outro, o **outro** no sentido real do **tu** e o outro que **nele** existe.

“A busca do Outro talvez seja o caminho pelo qual cada um de nós consegue chegar a si próprio. Para aproximar-nos àquilo que somos temos que passar pelo Outro. (...) É efectivamente da interacção entre o Eu e o Outro que se consegue um equilíbrio e uma auto-definição.” (Blockeel, Francesca, 2001: 382-383)

Além dos contos que anteriormente já referimos, *A Fada Oriana* é uma obra em que esta ideia está particularmente presente, nomeadamente a nível da construção das suas personagens.

Oriana, a menina-fada, é encarregada pela rainha das fadas de tomar conta da floresta e responsabilizada pela protecção de todos os seus habitantes: “Tu és a fada desta floresta. Promete-me que nunca a irás abandonar.” (Andresen, 1997: 6).

De entre todas as ligações que a fada mantém com as demais personagens, a ligação com o poeta surge, desde o início, marcada pelo signo da excepcionalidade, quer pelo facto de só a esta pessoa crescida a Fada poder aparecer, quer pela partilha que entre ambos se celebra.

Então lembrou-se de que era hora de visitar o seu amigo Poeta. Porque era a única pessoa crescida a quem Oriana podia aparecer era ao Poeta. Porque ele era diferente das outras pessoas crescidas (...)

-O que tu me trazes é muito mais do que a beleza. No mundo há muitas meninas bonitas. Mas só tu é que podes encantar a noite porque és uma fada. (Andresen , s./d.:30-31)

No entanto, seduzida pelas palavras doces de um adulator, o peixe Salomão, Oriana esquece-se dos outros e passa a centrar-se em exclusivo em si mesma, esquecendo-se das suas obrigações.

“E daí em diante nunca mais foi ver o Poeta. Esqueceu-se de todos os seus amigos. - Quero passar o resto da vida a olhar para mim (...)” (Andresen 1997:6)

Na sequência do acto narcísico da fada vem a punição por parte da autoridade suprema:

-Oriana- faltaste à tua promessa e abandonaste a floresta. Abandonaste os homens e os animais e as plantas. (...) Não cumpriste a tua promessa (...) E dizendo isto, a Rainha das Fadas fez, no ar, um gesto com a sua mão. E no mesmo instante, assim como as folhas de Outono caem dos ramos, assim Oriana viu as suas asas caírem dos seus ombros e ficarem de repente secas e mortas como dois papéis velhos. (Andresen, 1997:41-42)

Confirmamos a opinião de Sara Reis da Silva, quando afirma:

Esta fada, à semelhança das fadas madrinhas, exerce no primeiro momento da intriga, a sua protecção sobre uma série de figuras humanas, conquistando pelo altruísmo e atenção concedida ao Outro a amizade de todas estas e todos os seres da floresta, a par da simpatia daquele que lê.(...)

Mas, inesperadamente, Oriana parece agir “contranatura”, desviando-se do seu destino, da sua essência e da missão para a qual tinha sido escolhida (...) transforma-se, então, pela intervenção maléfica de um peixe, em hybris, voltando-se a protagonista sobre si própria. (Silva 2004:6)

Neste momento da acção, Oriana encontra-se descaracterizada, ela não é mais o ser mágico, dotado de asas e varinha de condão, facilmente reconhecível pelas outras personagens da sua condição de fada e isso vem dificultar-lhe ainda mais a sua tarefa de restabelecimento do equilíbrio inicial da história.

“-Sou a fada Oriana.

Eles disseram:

-Mas onde é que estão as tuas asas e a tua varinha de condão?”

É então que Oriana parte para o resgate da sua condição de fada alada, protagonizando uma espiral de situações de prova, que lhe permite alcançar o regresso à sua situação inicial de protectora das outras personagens e o perdão da rainha das fadas.

Vivenciando intimamente o *pathos* motivado pelo alheamento face aos outros e pela consciência do sofrimento causado, Oriana debate-se numa tentativa sofrida de religação e de abertura generosa às restantes personagens, procurando repor a ordem inicial e redimir-se do mal provocado, uma situação só concretizada após a superação desinteressada e feliz de uma prova de risco. (Silva, 2004:6)

Na sua busca de um reequilíbrio, Oriana é aliciada por uma personagem que encarna o mal e simboliza a sedução que este pode exercer sobre a fragilidade humana, a Rainha das Fadas Más, mas a fada renega-a, pois o que lhe é pedido em troca vai contra todos os seus princípios e é a antítese de tudo aquilo em que Oriana acredita:

-Eu sou a Rainha das Fadas Más. Se queres que eu te dê estas asas, tens de prometer que de hoje em diante passarás a cumprir as minhas ordens.

-E quais são as tuas ordens?-perguntou Oriana.

- As minhas ordens- disse a Rainha das Fadas Más- são estas:

Sujar a água das fontes.

Pôr teias de aranha em cima das flores.

Fazer secar as sementes que estão na terra a germinar.

Roubar a voz dos rouxinóis.

Azedar o vinho.

Roubar o perfume das rosas.

Atormentar os animais.

Desencantar o mundo.

-Não! Não! Não!- disse Oriana, recuando com horror.- Eu não quero fazer essas coisas. (...)-Antes quero não ter asas (...). Antes quero ser boa-disse Oriana.- Quero ser boa, mesmo que para isso possa não ter asas. (Andresen, 1997: 75)

A partir deste momento, revelam-se, novamente, o altruísmo e abnegação da pequena fada Oriana e, finalmente, é graças a estes sentimentos que Oriana recupera a sua condição de fada alada.

E esquecendo-se de que não tinha asas, saltou no abismo para salvar a velha (...) Mas, de súbito, como num relâmpago, apareceu no ar a Rainha das Fadas. (...)

Estendendo o seu braço, ela tocou Oriana com a sua varinha de condão.

E no mesmo instante Oriana parou de cair e ficou imóvel, suspensa no ar segurando a velha.

E a voz alta e direita disse:

- Oriana, cumpriste hoje a tua promessa. Para salvar a velha, esquecendo-te de ti saltaste no abismo.(...) Por isso eu ordeno que de novo nasçam duas asas nos teus ombros. (Andresen, 1997: 79-80)

É com a personagem Poeta, com quem Oriana tem uma ligação especial, que a fada, novamente dotada de asas e da sua varinha de condão, se reencontra no desfecho da narrativa, é com ele que abandona o cenário de tristeza e caos associado à cidade e regressa ao equilíbrio natural do seu cosmos, a floresta.

Foram pelo caminho ao longo do abismo até à floresta.

Quando chegaram à floresta, o Poeta pediu:

- Oriana encanta tudo.

E Oriana levantou a sua varinha de condão e tudo ficou encantado.

(Andersen ,s./d: 82)

No desenlace de *A Fada Oriana* ficam a ecoar questões como: será a Fada Oriana um ser mágico que funciona em termos de narrativa como uma parábola do lado oculto do ser humano? Poderá ser Oriana transmitir a ideia que o único sentido da vida humana reside na procura de algo? Poderá Oriana ser considerada como uma metáfora da plenitude de abertura ao outro?

Em nosso entender para as três questões colocadas pode haver uma resposta positiva. Atentemos, a este respeito, nas palavras de Sara Reis da Silva:

De facto o que parece realmente reflectir a dualidade comportamental ou a trajectória trietápica da heroína é, em larga medida, a intersecção dos eixos ideotemáticos do Altruísmo vs. Egoísmo, da Essência vs. Aparência e, em última instância, do Bem vs. Mal (...) concentrando-se e/ou soltando-se da própria protagonista, cujo comportamento se rege ora por um ora por outro. (Silva, 2004:6/7)

Em jeito de conclusão, podemos dizer que subjacentes à construção de todas as personagens de Sophia apresentadas neste trabalho estão determinados princípios ideológicos e axiológicos que a autora pretende transmitir, tais como: a solidariedade, a integridade, e o altruísmo.

Assim se reafirma a importância da personagem, não só enquanto entidade funcionalmente indispensável para a concretização do processo narrativo, como suporte da acção que normalmente é, mas sobretudo como lugar preferencial de afirmação ideológica. (Reis e Lopes, 1998: 318).

Bibliografia:

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (s./d.) *A Fada Oriana*. Porto: Livraria Figueirinhas.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (1997) *A Floresta*. Porto: Livraria Figueirinhas.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (s./d.) *A Menina do Mar* (s./d). Porto: Editora Figueirinhas.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (s./d.) *A Noite de Natal*. Porto: Livraria Figueirinhas

ANDRESEN Sophia de Mello Breyner (s./d.) *O Rapaz de Bronze* (20ª edição).Lisboa: Edições Salamandra.

BLOCKEEL, Francesca (2001) *Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: hIdentidade e Alteridade*. Lisboa. Caminho.

CHEVALIER e GHEERBRANT (s./d.), *in Dicionário de Símbolos* (6ªEdição). Lisboa: José Olympio Editora.

GOMES, José António, “Sophia de Mello Breyner Andresen e a sua obra para crianças e jovens”, in *Malasartes (Cadernos de Literatura para a Infância e Juventude* (Dezembro de 2004). Porto: Campo das Letras.

SILVA, Sara Reis da (2005) *Dez Reis de Gente e de Livros- Notas sobre Literatura Infantil*. Lisboa: Editorial Caminho.